

Una nueva forma de vivir en el siglo XX: bungalós en la ciudad de Bauru.

A new way of living in the XX century: bungalows of Bauru city.

Uma nova forma de morar no século XX: bangalôs na cidade de Bauru.

Karla Di Giacomo Dias Oliveira dos Santos¹, Nilson Ghirardelo²

¹ Mestre em Teoria, História e Projeto pela Universidade Estadual Paulista, (UNESP) Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Paulista (UNIP). Área de atuação: Arquiteta e Urbanista e Professora de Teoria e história da Arquitetura e Urbanismo na Universidade Paulista (UNIP) Campus de Bauru, Brasil. Email: digiacomokarla@gmail.com

² Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela EESC da Universidade de São Paulo, Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho. Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela PUC-Campinas. É Professor Assistente Doutor (Nível II), do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo e do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP-Campus de Bauru, Brasil. Email: nghir@faac.unesp.br

Recibido: 26 de julio 2017. Aceptado: 5 de octubre de 2017.

Santos, K.; Ghirardelo, N. (2017). Una nueva forma de vivir en el siglo XX: bungalós en la ciudad de Bauru. Procesos urbanos Número 4, Ene-Dic. 28-38. DOI:dx.doi.org/10.21892/2422085X.348

RESUMEN

La arquitectura ecléctica se destacó en Brasil, en ciudades del interior paulista, debido a la presencia del café y la riqueza generada por sus plantaciones. Sin embargo, Bauru, no presentó una arquitectura ecléctica expresiva, pero posee, aún hoy, un número significativo de construcciones denominadas bungalow, que obedecían a determinados patrones arquitectónicos, formales, técnicos y constructivos, destinados a la clase media. Incluso, ante su cantidad significativa, todavía es poco estudiado por los expertos. Este trabajo tiene como objetivo distinguir esa vivienda como elemento importante en el desarrollo de la arquitectura, reconociéndola como parte del contexto histórico de la ciudad.

Palabras clave: Bungalós, vivienda, Bauru.

ABSTRACT

The eclectic architecture stood out in cities of the countryside of São Paulo state in Brazil due to the presence of the coffee and the wealth generated by its plantations. Although Bauru city did not show an expressive eclectic architecture, it still has until nowadays a significant number of buildings called bungalows, which followed certain architectural, formal, technical and constructive standards for the middle class. Despite its significant amount in the city, it is not well studied by specialists yet. Thus, this work aims to highlight this housing as an important element for the development of architecture, recognizing it as part of the historical context of the city.

Key words: Bungalow, housing, Bauru

RESUMO

A arquitetura eclética destacou-se, no Brasil, em cidades do interior paulista, devido à presença do café e à riqueza gerada por suas plantações. No entanto, Bauru, não apresentou uma arquitetura eclética expressiva, mas possui, ainda hoje, um número significativo de construções denominadas bangalô, que obedecia a determinados padrões arquitetônicos, formais, técnicos e construtivos, destinado à classe média. Mesmo diante de sua quantidade significativa, ainda é pouco estudado pelos especialistas. Assim, este trabalho tem como objetivo distinguir essa habitação como elemento importante no desenvolvimento da arquitetura, reconhecendo-a como parte do contexto histórico da cidade.

Palavras – Chave: Bangalô, moradia, Bauru.

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado da autora e pretende demonstrar as características correntes que vão distinguir um tipo de moradia, o bangalô, das demais edificações presentes no século XX no cenário da cidade de Bauru, interior de São Paulo. Para isso será preciso abranger uma questão mais ampla desde a sua origem na Índia até sua chegada ao Brasil e mencionar brevemente as mudanças da arquitetura residencial no país.

O bangalô é, provavelmente, o único tipo de casa que tanto seu nome quanto sua forma existem em quase todos os continentes. Ao investigar suas origens na Índia e desenvolvimento posterior na Grã-Bretanha, Estados Unidos, Austrália e África, é possível notar que também se moldaram ao mundo moderno desde o colonialismo, à industrialização, à urbanização e à suburbanização. Em diferentes contextos históricos, o bangalô foi, por diversas vezes, a cabana do camponês, habitação colonial, casa especializada, retiro rural, habitação tropical e casa suburbana. (King, 1982).

Na Inglaterra, “até aproximadamente 1914, o bangalô situava-se na área rural: tomando a aristocracia como exemplo, as classes média e alta urbanas procuraram um refúgio no campo” (Janjulio, 2011, p.48). Ainda, a primeira habitação a ser designada como bangalô no país, datada em 1869, era uma edificação baixa e grande, localizada em um resort à beira-mar (Lancaster, 1985).

Quando se transferiu à Inglaterra, na segunda metade do século XIX, o bangalô foi definido de diversas maneiras. A noção que prevalece hoje, de que o termo se refere a uma habitação térrea isolada, é muito simplificada. Inicialmente, quando foi introduzido, distinguia-se pela sua função, como casa para lazer e férias ou, algumas vezes, pelo seu tipo de construção (pré-fabricada ou não) e algumas vezes pelo seu desenho. Também pela sua localização— era uma casa para um local em particular: no campo, à beira-mar.” (King, 1995, p.90 apud Janjulio, 2011, p.55).

Se as origens do bangalô moderno estão na Inglaterra, foi nos Estados Unidos que ele se desenvolveu plenamente, chegando através de conexões que incluíam livros, jornais e revistas, a partir do início do século XX, e principalmente após 1905. (Janjulio 2011, p. 48).

Ainda comenta a autora que essa habitação, assim como na Inglaterra, também marcou presença na formação do subúrbio moderno estadunidense.

Os Estados Unidos são um exemplo claro da inserção do bangalô em um contexto habitacional suburbano destinado à maioria da classe média, contudo, só começou a ser notado após o movimento arts and crafts.

Nos Estados Unidos, os bangalôs proliferaram nos bairros e subúrbios ajardinados que caracterizavam a opção residencial típica do contexto norte americano do século XX. Originário da casa simples e vernacular indiana,

o bangalô caracterizou-se por uma linguagem universal despojada, contudo redesenhada em alguns detalhes nos contextos locais em que se desenvolveu. (Wolff, 2001, p.189)

A América Latina, a partir do final do século XIX, estreitava laços com países industrializados. O Brasil exercia a função de fornecedor de produtos agrícolas; especialmente o café e algumas outras matérias-primas, enquanto a Europa e os Estados Unidos se tornavam industriais e urbanos. Os Estados Unidos começaram a investir nos países exportadores em desenvolvimento, proporcionando a estes infraestruturas, marcando o início do domínio norte-americano, sobre os quais vem se fortalecer através da Doutrina Monroe, estabelecida pelos Estados Unidos. Foi a confirmação do sentimento de superioridade estadunidense em relação às demais nações americanas, que passaram a sua tutela de forma consciente, já que tal dominação interessava às próprias elites locais, cuja ascensão era favorecida por esse sistema econômico. (Elias et. al., 2014).

Iniciava-se um momento favorável a diálogos entre Brasil e Estados Unidos. E estes, com a troca de favores estabelecida, passam ao nosso país elementos de sua cultura, e de sua arquitetura, principalmente através de revistas da época.

Neste momento começavam vigorar no país novos conceitos de implantação de residências no lote, elas podiam conter recuos frontais e de ambos os lados. Entretanto, esses afastamentos só eram viabilizados para novas construções, distantes do centro, destinadas à classe abastada. O bangalô se enquadrou perfeitamente a esta condição e, além disso, estava cada vez mais ligado ao fato de se morar distante da cidade, em maior contato com a natureza. Essa construção não era tida como algo sistemático e preso à uniformidade, mas sim como uma edificação que libertaria o proprietário do caos da cidade e também da pretensiosa suntuosidade das casas ecléticas.

A nova maneira de morar vem imbuída de simplicidade e traz a sua edificação

um caráter modernizador à época em que estavam vigorando na cidade as residências ecléticas que possuíam pé direito alto e fachada no alinhamento do lote, o bangalô, em contrapartida, com recuo frontal e pé direito reduzido. As vicissitudes que este novo morar trouxeram ao local, fizeram-no espalhar-se em meio às edificações ecléticas.

Com sua tipologia modesta, que sempre continha uma varanda, o bangalô, tornou-se a residência da classe média, funcionários e operários mais qualificados da ferrovia, devido a sua simplicidade e execução. Assim, o bangalô caminha, junto aos trilhos do trem, servindo como tipologia às vilas operárias brasileiras.

A posição estratégica de Bauru-SP, sendo no centro do interior paulista, favoreceu o entroncamento ferroviário que ali se instalou, era composto pelas ferrovias Sorocabana, Noroeste e Paulista, implantadas entre os anos de 1905 a 1911. Bauru não teve em si uma arquitetura eclética expressiva advinda do café, como outras cidades nas cercanias, mas revelou o bangalô e ainda o revela representando o contexto da época através da vinda da ferrovia.

No entanto, não há nenhum reconhecimento do bangalô pelos órgãos responsáveis pela preservação arquitetônica da cidade, o que concorre para sua demolição, degradação e descaracterização paulatina. Daí a relevância de colaborar para mantê-los vivos e ressaltados como patrimônio arquitetônico em meio à malha urbana atual em que se inserem.

O bangalô é uma resposta a exageros ecléticos, à insalubridade, pela falta de preocupação com a ventilação e iluminação; além disso, sua praticidade e funcionalidade fazem com que este atenda desde aos operários mais qualificados, passando pela classe média, até aos abastados. Conversando com as classes sociais e os estilos da época, estes bangalôs vestiam-se da moda do período, continham roupagens que o adornavam, mas com sutileza e delicadeza. Seus ornamentos correspondiam ao gosto e à moda da época, podendo conter roupagens voltadas ao eclético, mas de

maneira sutil; ou art déco, que geometrizava a fachada; ou neocolonial, com elementos decorativos nos beirais dos jogos de telhado e, por fim, o estilo missões, com seus arcos e balaustres na varanda.

O bangalô se tornou moda nos Estados Unidos, graças ao movimento arts and crafts. Essa temática foi discutida por Janjulio em sua dissertação de mestrado, em que a autora menciona a chegada do bangalô ao Brasil, através de revistas da época, em um momento de grande influência norte-americana, também explicada por Atique. Em relação ao "bangalô Californiano", muitas vezes em linguagem missões, os trabalhos de Atique e Tagliari retratam a proliferação dele no local.

É dentro deste contexto que no Jardim América, o bangalô, sendo quase sempre de caráter térreo, contrapunha os pequenos palácios dos barões do café e dos recém-industriais. Pode-se dizer que o arquiteto inglês Barry Parker, com seu repertório britânico, contribuiu não só para a criação do bairro, mas também para a presença do bangalô no local. (Wolff, 2001).

O espírito que presidia as primeiras casas térreas do Jardim América era o de uma arquitetura que vinha popularizando-se nos Estados Unidos a partir de uma adaptação cultural que as colônias britânicas processaram na Índia desde o século XVII- o bangalô ou bungalow - na origem, um tipo de casa de planta simples e regular, cercada por varandas que sombreavam as paredes." (Wolff, 2001, p. 188).

Neste viés, Homem, retrata os palacetes na cidade de São Paulo, os quais são mencionados para âmbito comparativo com os bangalôs, que continham aspecto completamente diferenciado dos pequenos palácios em voga.

Ao mesmo tempo em que eram desfrutados do mais completo plano de necessidades das casas apalacetadas, confrontavam com os inúmeros cortiços precários em eclosão. Estava aí a utilização da tipologia do bangalô para tentar sanar o caos das moradias

inadequadas, com baixo custo e facilidade construtiva.

Tratando-se especificamente de Bauru, o projeto parte de alguns estudos sobre esta cidade, como os de Ghirardello, que analisa a questão do direcionamento urbano de Bauru até a década de 1940, e abrange a implantação ferroviária e suas consequências no local, mencionando o bangalô, edifício em estudo, e sua menção explícita no Código de Posturas local, que tratava especificamente desse padrão de arquitetura.

Enfim, o bangalô aparece em livros, revistas, ainda hoje, mas, mesmo assim, há poucos estudos no Brasil que o retratem, caracterizem e o valorizem como uma tipologia arquitetônica específica que compõe a história da arquitetura no país.

METODOLOGÍA

Para o desenvolvimento deste trabalho, que envolverá a tipologia determinada como bangalô, a presente pesquisa contou com um levantamento bibliográfico que a fundamentou, demonstrando a relação da origem do edifício estudado com sua trajetória e possíveis transformações até chegar ao Brasil e, precisamente à cidade de Bauru, localizada no interior do estado de São Paulo.

Para tanto, este trabalho conta com a análise de dados das plantas dos bangalôs, localizadas junto à Secretaria de Planejamento (SEPLAN) da cidade, a fim de resgatar estes projetos ainda existentes e que, embora se degradando devido à falta de cuidado em seu armazenamento, puderam contribuir ricamente com os dados desenvolvidos nesta pesquisa. Assim, esse levantamento documental poderá contribuir para que estas documentações sejam salvaguardadas.

Os projetos de bangalôs encontrados, foram evidenciados entre o período das décadas de 1920 a 1940, a fim de que possam ser observadas as possíveis mudanças ou constâncias na linguagem tipológica. É apenas a partir de 1922 que aparecem as plantas de bangalôs na prefeitura. Não há

como saber se existiram bangalôs apenas a partir de 1922, pois as pastas referentes às datas 1920 e 1921 são inexistentes no acervo da prefeitura. O mesmo ocorre com os seguintes anos 1923, 1924, 1925, 1926, 1931, 1932, 1933, 1934 e 1940. Entretanto, a investigação limitou-se a um intervalo de 20 anos por conta da grande quantidade de bangalôs encontrados e que ainda continuavam a ser construídos após 1940. Um exemplo disso foi a vila de Santa Izabel, destinada aos ferroviários, datada em 1948, composta por bangalôs. Esse projeto foi encontrado em meio às pastas que foram investigadas.

Esse período, inicializado em 1920, foi escolhido devido ao progresso que estava cada vez mais possibilitando novas condições arquitetônicas à cidade de Bauru, principalmente devido às ferrovias Sorocabana, Paulista e Noroeste que já estavam instaladas e abriam o horizonte, contribuindo com novas possibilidades, inclusive na arquitetura, como foi o caso do novo modo de morar, os bangalôs. (figura 1)



Figura 1. Estado São Paulo, Bauru.
 Fonte: www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos. Concurso de Estudantes do VII ENEPEA.

Outro dado importante é que nem todos os bangalôs do recorte escolhido têm plantas na prefeitura. Com isso, a maioria das edificações existentes não têm projeto na SEPLAN e a maioria dos projetos encontrados não têm mais sua edificação.

Deste modo, este trabalho procurou exemplificar cada detalhe projetual dos bangalôs, inclusive sua volumetria, decorada com que foi exemplificado como roupagens. E também levantará os bangalôs pouco descaracterizados, ainda existentes nas proximidades da ferrovia dos bairros escolhidos.

Portanto, este trabalho realizou um levantamento bibliográfico, no intuito de compreender a evolução desta habitação até a sua chegada ao país e a Bauru, aliado à averiguação comparativa de plantas e ao resgate das mesmas, levantando suas características típicas, auxiliando no reconhecimento do mesmo em meio à cidade contemporânea.

RESULTADOS PARCIAIS

O levantamento documental foi executado através de pesquisas em fontes primárias junto à Secretaria de Planejamento (SEPLAN) da Prefeitura Municipal de Bauru. Foram encontrados 82 projetos de bangalôs que no resultado final foram apresentados em uma tabela de identificação e fichas cadastrais, assim como os 8 apresentados neste artigo. Estes foram escolhidos devido à qualidade mantida nos projetos, referentes aos traços, dados e cores. Neste artigo, na tabela abaixo, os 20 primeiros projetos serão informados, e a seguir serão evidenciadas 8 fichas desenvolvidas pela autora, referentes a alguns bangalôs encontrados no período escolhido.

Ao serem analisados os exemplares de projetos, alguns dados os evidenciam diferenciando-os na questão do projeto como um todo, pois a maioria encontra-se dentro do padrão: sala, cozinha, banheiro e quarto, independente da quantidade dos mesmos, enquanto que a minoria vai conter algo diferente, como a presença de garagem, copa ou despensa.

As metragens dos lotes variavam de 8m, 9.50m, 10m, 11m, 22m de testada a 16.50m, 22m, 25m e 44m de profundidade, variando de 180 a 970 metros quadrados, sendo que os poucos encontrados com maior metragem poderiam conter mais de um bangalô no mesmo lote. (Figura2)

Tabela 1. Relação projetos estudados.

Ano	Classificação	Localização	Bangalô
1922	Eclética	Rua 15 de Novembro	Prancha 1
1927	Eclética	_____	Prancha 2
1928	Eclética	Rua Tibiriçá	Prancha 3
1928	(Madeira)	Rua Altino Arantes	Prancha 4
1928	Eclética	Rua Sete de Setembro	Prancha 5
1928	Eclética	Rua 15 de Novembro	Prancha 6
1928	Eclética	Rua Sete de Setembro	Prancha 7
1928	Eclética	Rua 15 de Novembro	Prancha 8
1928	Eclética	Rua Sete de Setembro	Prancha 9
1928	Eclética	Rua Campos Salles	Prancha 10
1928	Eclética	Rua Inconfidência	Prancha 11
1928	Eclética	Rua 15 de Novembro	Prancha 12
1930	Eclética	Rua Epitácio Pessoa	Prancha 13
1930	Eclética	Rua 15 de Novembro	Prancha 14
1930	Eclética	Rua Costa Ribeiro	Prancha 15
1930	Eclética	Rua 15 de Novembro	Prancha 16
1935	Eclética	Rua Alfredo Maia	Prancha 17
1935	Eclética	Rua Alfredo Maia	Prancha 18
1935	Eclética	Bernardino de Campos	Prancha 19
1936	Missões	Rua Azarias Leite	Prancha 20

Fonte: elaboração própria. OBS: A seguir os bangalôs são nomeados de acordo com o sobrenome do seu proprietário.



Figura 2. Exemplo de bangalô com lote de 12,00mx 22,00m Fonte: Santos, Karla 2016.

A maioria dos bangalôs encontrados localizava-se no centro do terreno, o que possibilitava seu aproveitamento, por isso, os recuos eram utilizados, na frente para uso de jardins, na lateral ao acesso à garagem ou à despensa fixadas ao fundo, ou até para plantação de árvores frutíferas, e neste mesmo quintal poderiam ser criados animais.

Sendo o acesso principal do bangalô, a varanda, (figura3) vale ressaltar que essa palavra tem variantes de aceção conforme a época, mas tem origem oriental, assim como a palavra bangalô, Lemos (1996). Está mais ligada a um caráter de local de lazer refrescante na casa tropical, enquanto que alpendre vincula-se com a construção anexa à casa. Ao contrário de Lemos (1996), que fez uso da palavra varanda em seu livro, sendo ela alpendrada ou não, nesse texto se fará uso da palavra varanda - quando se tratar de um bangalô - sempre que ela for alpendrada, afinal, faz parte da particularidade de um bangalô tropical.

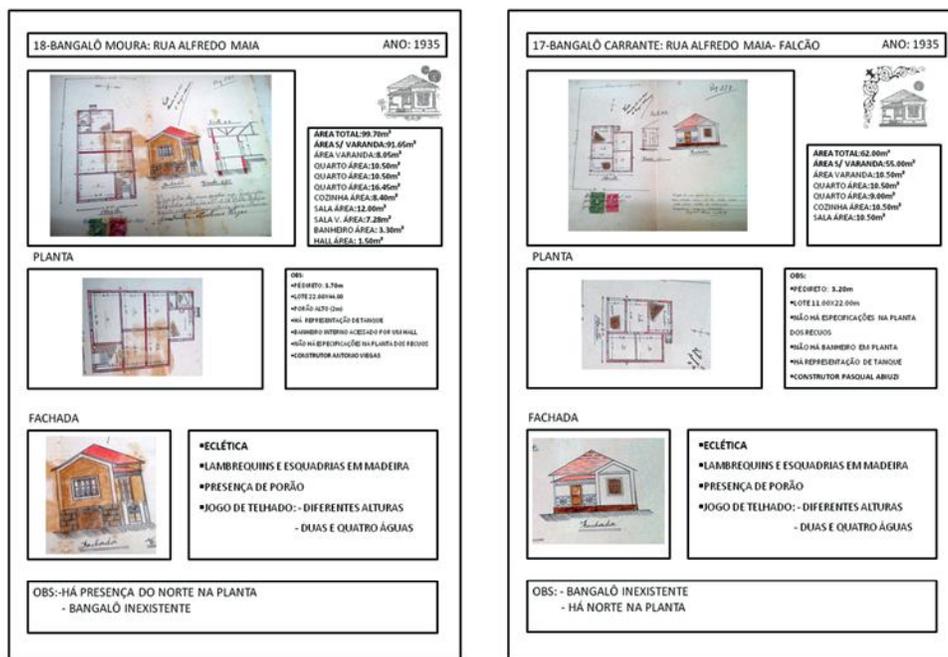


Figura 3. Bangalôs e suas varandas Fonte: Santos, Karla 2016.

Enquanto nos exemplares rurais o alpendre ou a varanda é constante em todo o período colonial, nas cidades tal fato não ocorre. Pelo menos à vista dos transeuntes, pois esse próprio elemento arquitetônico volta-se para o quintal, para os fundos, criando uma área de convívio de família, distante dos olhares curiosos dos passantes (Veríssimo, 1999, p.32).

Lemos (1996) aponta que a varanda era utilizada na arquitetura brasileira urbana podendo vir a ser alpendrada ou fazer parte do corpo da casa integrando a cozinha, que se localizava na parte externa aos demais cômodos. Nela poderiam ser feitas as refeições, os descansos, as reuniões em família, porém, a dos bangalôs servia como proteção ao clima quente, mas também podia acolher uma ou mais pessoas sentadas em cadeiras, descansando aos finais de semana, conversando após um dia cansativo de trabalho, ou para vedar o interior da casa à rua, ou que pudessem observar a rua, sentadas à varanda da casa. Mais tarde, esta, mencionada por Lemos (1996), transformava-se em sala de jantar, diz o autor que isso ocorrera a partir dos meados do século XIX, pelo menos em São Paulo.

A aplicação do alpendre se tornou habitual nas casas rurais coloniais e nas chamadas casas bandeiristas, afinal, a mesma varanda alpendrada, que encantou os ingleses na Índia, já havia cativado, antes deles, os portugueses, que trazem essa solução para o calor do Brasil.

Bruand (1981) coloca que, sem dúvida, o clima foi o fator físico que mais interferiu na arquitetura brasileira, logo, ele apresenta o exemplo das casas rurais do período colonial, ressaltando a importância de generosas varandas para atender a necessidade do excesso de calor e luminosidade. O alpendre das fazendas chegou às casas urbanas e definiu-se como "peça que servia à separação de classes". (Saia, 2005, p.209).

Ressalta Lemos (1989) que, talvez o alpendre, sombreador das paredes, das casas coloniais rurais, tivesse vindo da Índia, trazido pelos portugueses que perceberam as qualidades do conforto existente no bangalô, que era a casa rural alpendrada daquele país. Ambos os países colonizados eram de clima tropical e os colonizadores europeus estavam acostumados com o clima mediterrâneo ou temperado.

Desta maneira, nota-se que o bangalô já era observado e tido como uma referência quanto ao seu conforto térmico. Mesmo tendo chegado ao nosso país nos séculos seguintes, sua característica marcante, a varanda, compunha uma arquitetura que buscava aprimorar a edificação de nossos colonizadores, desacostumados ao calor brasileiro.

Quanto aos dormitórios, a maioria deles possuía dois e a minoria quatro, fato determinante na área total do bangalô, que era comum ser de aproximadamente 70 metros quadrados. (Figura 4).

Quanto ao pé direito, (figura 5) este atenderia ao mencionado no Código de Posturas de 1928 que poderia ter a metragem mínima

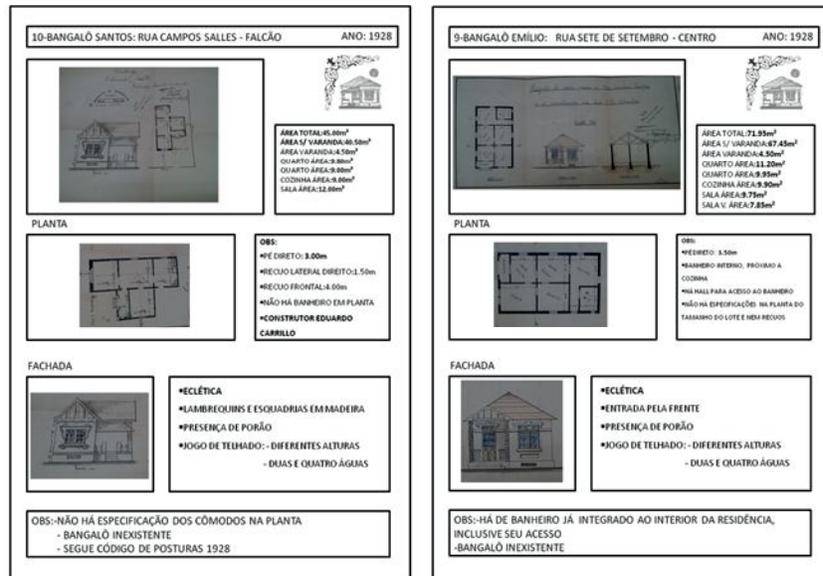


Figura 4. Bangalôs de dois quartos. Fonte: Santos, Karla 2016.

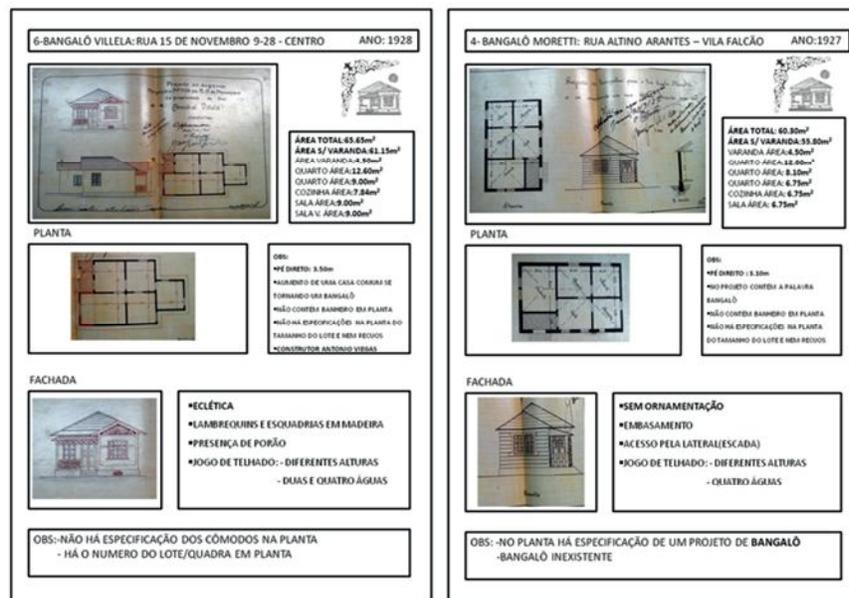


Figura 5. Bangalôs com pé direito em torno de três metros. Fonte: Santos, Karla 2016.

de três metros, devido ao recuo frontal de quatro metros, porém, esses recuos, nos projetos que o continham, não atendiam a essa especificação, eles eram um pouco menores. Portanto, seguindo essas características gerais, os bangalôs analisados atraem singularidade e personalidade a uma arquitetura campestre e urbana em Bauru.

Quanto aos banheiros encontrados nos bangalôs de Bauru, poucos projetos contêm a representação destes ao fundo do lote. A maioria dos projetos não tem o banheiro em planta, o que leva à dedução de que estes existiam também ao fundo do lote, provavelmente, seriam latrinas. Em geral, pode-se concluir que existiam banheiros internos, no quintal e externos, junto ao corpo da casa. (Figura 6)

Percebe-se, com isso, que a arquitetura vai se modificando, agregando a ela valores e costumes que variam de região a região. Correia (2004, p.47) expõe: "moradia é

elemento da organização social que ao longo do tempo incorpora significados diversos", por isso há variações nos bangalôs de alguns países e regiões, mas seu conceito de simplicidade continua o mesmo.

É possível notar que o bangalô "moderno" se adaptava tanto às técnicas construtivas existentes em cada região, quanto às necessidades. Um exemplo claro dessa adaptação às necessidades é o das varandas, nos Estados Unidos e também na Inglaterra. Estas poderiam ser fechadas com vidro, desprendendo-se do seu conceito de apaziguar o calor do clima local, afinal, não haveria essa utilidade como nos países tropicais. É possível evidenciar, a partir disso, a diferença entre o bangalô vernacular – térreo, com varanda – do bangalô moderno – com possibilidade de não ter a varanda e que também poderia ser assobradado.

CONCLUSÃO

Natural indiano, a figura do bangalô esteve presente em diversos países, a princípio funcionou como uma solução para os colonizadores britânicos, que, na Índia, não conseguiam adaptar seu tipo de moradia fechada ao clima tropical. Tão grande foi a sua aceitação, que o bangalô emerge a um mundo desconhecido, chegando à Inglaterra e suas demais colônias.

Sua tipologia serviu como uma alternativa de melhoria na maneira de morar desde o momento mencionado, e assim ele seguiu: atendendo a burguesia inglesa, cansada do caos da cidade industrial, que aos finais de semana buscava, no conforto do campo, o sossego tão esperado. E lá estava ele, o bangalô, realizando o sonho do aconchego da classe média inglesa à abastada. Mas também funcionou como moradia colonial, foi o tipo de habitação escolhida pelos ingleses para participar de suas colônias. Daí, possivelmente sua propagação chegando aos Estados Unidos, atraído pelo subúrbio, o bangalô se tornou a habitação suburbana norte-americana e ganhou grande força com o movimento arts and crafts, popularizando-se cada vez mais, ganhando algumas características extras e até uma nomenclatura diferente: bangalô



Figura 6. Exemplo de bangalô com banheiro ao fundo junto ao corpo da casa.
 Fonte: Santos, Karla 2016.

californiano, graças ao grande número de bangalôs na região.

A partir daí, o bangalô chega ao Brasil através de revistas da época, sendo requisitado pela população. Ele adentra a cidade de São Paulo, possivelmente através do bairro subúrbio Jardim América, com fortes influências do arquiteto Barry Parker e atingiu as vilas operárias contraponto ao ecletismo suntuoso da época.

Era o início da tipologia no Brasil. Com isso, em diversas regiões do interior do estado de São Paulo e até mesmo do país, o bangalô faz parte da arquitetura. Em Bauru, interior do estado de São Paulo, ele se faz presente em meio à malha urbana até a atualidade.

Bauru, por não conter uma forte economia voltada para o café e contar com uma forte classe média urbana, não apresentou grandiosos palacetes ecléticos e sim inúmeros bangalôs que atenderam tanto a esse grupo social como aos mais abastados, além dos operários mais qualificados e funcionários da ferrovia. Servindo como uma nova forma de morar à cidade, trazendo salubridade, natureza – em virtude de seus recuos ajardinados – facilidade, simplicidade, imbuído de beleza e um caráter compacto bem peculiar a uma região urbana da cidade, como se apresenta até hoje.

Tem observado-se que os bangalôs sobreviveram ao longo do tempo devido a sua centralidade no terreno, que permitiria a incorporação de outras construções ao fundo como edículas e garagem, bem como ampliações nas laterais. Outro aspecto relevante é que seu espaço interno é “utilizável” até nos dias atuais, seja em relação à circulação, ao número de ambientes, à iluminação e ventilação naturais, pé direito, etc.

Por esse motivo, tal arquitetura reflete a entrada do homem médio urbano em uma nova forma de morar contemporânea ao seu período, “um passo adiante do ecletismo”, contudo, ainda muito distante dos valores artísticos, técnicos e formais da linguagem modernista preconizada pelos arquitetos de vanguarda do período.

Mas, não há valorização desta tipologia, ela vem sendo degradada, descaracterizada, antes de ser reconhecida e valorizada como uma arquitetura que conta a história de Bauru. Deste modo, o intuito deste trabalho é demonstrar a importância arquitetônica de uma habitação vernacular indiana, que transitou até o interior de São Paulo e trouxe consigo história, soluções e nova maneira de morar ao século XX.

O bangalô compõe um rol de magnitudes, entre os quais, o de retratar o contexto histórico e a arquitetura predominante na cidade. Esta pesquisa pretende contribuir com o estudo conceitual de uma tipologia arquitetônica ainda pouco estudada, apontando características relevantes como um novo conceito de habitação, mais despojado e peculiar. O trabalho teve por intenção dar conhecimento e reconhecimento dessa tipologia e de seus valores, frente à arquitetura de Bauru, bem como para estudos similares dessa mesma linguagem em outras cidades.

Portanto, sem pretender fornecer respostas definitivas e completas, buscou-se, inicialmente, compreender os elementos que poderão caracterizar o bangalô como tal e, assim, ressaltar sua relevância arquitetônica e indicar perspectivas e direções para futuros trabalhos envolvendo a temática.

REFERÊNCIAS

Atique, F. (2007). Arquetetando a boa vizinhança: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano 1876 -1945. São Paulo, 2007. 468 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Bruand, Y. (2002). Arquitetura contemporânea no Brasil. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Correia, T. B. A (2004). Construção do Habitat Moderno no Brasil – 1870-1950, São Carlos: Rima.

_____ (org.) (2011). Forma Urbana e Arquitetura de Vilas Operárias e Núcleos Residenciais de Empresas no Brasil. São Paulo: Annablume.

Elias, C. G., Cavalcanti Filho, I. (2014). Os Bangalôs na Cidade de João Pessoa no Século XX: Um Estudo Morfológico. In: XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado, 2014, Bauru. Anais do XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado. Bauru: XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado, 2014. v. 01. p. 901-909.

Ghirardello, N. (1992). Aspectos do direcionamento urbano da cidade de Bauru. 1992. 185f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Planejamento) - Universidade de São Paulo, São Carlos, 1992.

Homem, M. C. (1996). Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918. São Paulo: Martins Fontes.

_____ (1976). Vila Penteado. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Janjulio, M. (2009). Arquitetura residencial paulistana dos anos 1920: ressonâncias do Arts and Crafts? 2009. 408f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) —Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

_____ (2011). Bangalô – Subúrbio: A circulação intercontinental de uma nova culturada habitação no início do século XX. Campinas, Oculum ensaios 13 p.46-58 janeiro -junho 2011.

King, A. D. (1982). The Bungalow 1600 – 1980: A study of the cultural, social, political and economic factors in the production of a global house-type. 1982. 429f. Thesis presented for the degree of PhD School of Social Sciences Brunel University Uxbridge.

Lancaster, C. (1985). The American Bungalow: 1880-1930. Nova York: Abbeville Press.

Lemos, C. A. C. (1996). História da Casa Brasileira. 2ªed. São Paulo: Contexto.

_____ (1989). Alvenaria Burguesa. São Paulo: Nobel.

Saia, L. (1978). Morada Paulista. São Paulo: Perspectiva.

Santos, Karla (2016). Bangalôs em Bauru: uma nova forma de morar para o século XX. Bauru, 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Estadual Paulista, 2016.

Tagliari, A.; Gallo, H. O (2007). Movimento Inglês Arts and Crafts e a Arquitetura Norte-Americana. In: III encontro de história da arte – IFCH / Unicamp.2007. Campinas.

Veríssimo, F. S. Bittar, W. S. M. (1999). 500 Anos da Casa no Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

Wolff, S. F. Ss. (2001). Jardim América: O primeiro bairro de São Paulo e sua Arquitetura. São Paulo: Edusp.

SITE CONSULTADO

VITRUVIUS. Concurso de Estudantes do VII ENEPEA.. disponível em <www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos> Acesso em 13 de setembro de 2017